



escrita 20

guatá - cultura em movimento

palavra

Alai Diniz
Angela Garofali
Carlos Luz
Célia Musilli
Cláudia Tomaschewski
Henrique Costa
Izabel Campana
Kariny Wermouth
Lisely Borges
Ludmila Rodrigues
Maria Fiorato
Silvio Campana
Vicente Ávalos
Victor André

olhos

Alexandre Bogler
Andréia Alves
Andressa Back
Áurea Cunha
Bruna Borba
Carol Lopes
Cláudio Salvador
Harry Schinke
João Nunes
João Medeiros
Patrícia Contini
Rógerio Silva
Vera Gislon

LANÇAMENTO

NET DIGITAL HD

Em 10 ANOS de NET,
FIZEMOS MUITAS COISAS.
EVOLUIR foi uma delas.

- Imagem de Cinema
- Som Dolby Digital 5.1
- Pacote com 115 Canais
- Possibilidade de Gravação de Programação

E Muito +

Instalações disponíveis no Centro, Vila B, AKLP, Polo Centro e partes da Vila Maracanã e Jardim Central.

SEJA um NET DIGITAL
2102-0533 | www.netfoz.tv.br

NET
DIGITAL HD
A (R)EVOLUÇÃO DA SUA TV

ZEPPELIN OLD BAR A CASA DA BOA MÚSICA.



www.zeppelinoldbar.com

www.revistaideias.com.br

VALE A PENA VOCÊ PÔR NA SUA CABEÇA

IDEIAS

VALE A PENA VOCÊ

PÔR NA SUA CABEÇA

www.revistaideias.com.br



Imagem
não editada



tirando de letra

o tempo

Poema de **Nilson Monteiro**,
poeta e jornalista em Curitiba, Pr.
Fotografia de **Caroline Lopes**,
turismóloga em Londrina, Pr.

O tempo
enfiou-me o cansaço
das bíblias e dos ídolos
sob as retinas.
Cristalizou-me a esperança
e volatizou-me o medo
costurando o amor
e o ódio
no rebanho de luas.

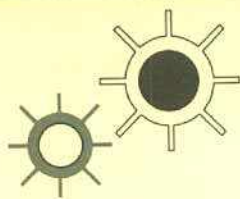
O tempo
deu-me filhos
amigos, inimigos,
pessoas que rondaram meu coração
como lobos
como cordeiros
ou ainda como
companheiros

O tempo negou-me paz e pressa
rabiscou-me rugas e cicatrizes
soprou-me alegrias e tristezas
dependurou-me sobre a vida

O tempo enxergou-me
espiando pelas lascas das teorias
e metendo o dedo em feridas
encharcadas nos bairros

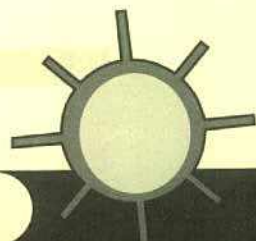
O tempo
deu-me cabelos brancos
e paciência.
Deu-me
a certeza da dúvida
como motor do mundo.





memória

Carnaval iguaçuense na década de 30, do século XX.
A fachada do “Oeste Paraná Clube” serve como cenário para Harry Schinke retratar os participantes de um baile infantil naquela agremiação.



- 03 - Tirando de Letra - Nilson Monteiro
e Carol Lopes
- 04 - OLHOS - Harry Schinke
- 06 - "Não sou da Companhia", de Izabel Campana
- 07 - OLHOS - Cláudio Salvador
- 08 - OLHOS - Patrícia Contini
- 09 - Epidemia de Poesia - Henrique Costa
- 10 - OLHOS - Áurea Cunha
- 11 - Epidemia de Poesia - Ludmila Rodrigues
- 12 - "Cio dos Gatos", de Silvio Campana
- 14 - Epidemia de Poesia - Angela Garofali
- 15 - OLHOS - Andressa Back
- 16 - OLHOS - Rogério Silva
- 18 - OLHOS - Alexandre Bogler
- 19 - "Mídia e educação", de Lisely Borges
- 20 - "Pegue e pague lusitano", de Vicente Ávalos
- 22 - OLHOS - Bruna Borba
- 23 - Epidemia de Poesia - Carlos Luz
- 24 - "Eu estive no Acatama", de Célia Musilli
- 26 - Olhos e Palavras - Cláudia Tomaszewski, João Nunes,
João Medeiros, Vera Gislon e Vicente Ávalos
- 28 - Epidemia de Poesia - Andréia Alves, Kariny Wermouth e Alai Diniz
- 30 - Um Toque - "Alfabetização de Adultos", de Maria Fiorato



escrita 20



"Por um fio", de Áurea Cunha

Este número 20 da Escrita traz em muitas das imagens e palavras editadas, um tom inédito e juvenil interessante. Seguindo uma linha crescente, a qual se iniciou já faz algum tempo, esta edição recebeu fotografias, ilustrações, prosa e verso, cujo os autores são adolescentes e jovens que pela primeira vez resolveram publicar suas expressões.

Escrita é uma publicação da Associação Guatã - Cultura em Movimento, entidade de finalidade artístico cultural, sediada em Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil.

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da entidade.

Conselho editorial: Carlos Luz, Maria Benedita, Paulo Bogler, Richard de Souza e Silvio Campana
Editor: Silvio Campana - Mtb 20572 - 3023/11131.
Revisão: Carmen dos Santos - **Foto da Capa:** Áurea Cunha
Projeto Gráfico: Silvio Campana

Colaboram nesta edição: Alai Diniz, Alexandre Bogler, Andréia Alves, Andressa Back, Angela Garofali, Áurea Cunha, Bruna Borba, Carlos Luz, Carol Lopes, Cláudia Tomaszewski, Cláudio Salvador, Henrique Costa, Izabel Campana, João Nunes, João Medeiros, Kariny Wermouth, Lisely Borges, Ludmila Rodrigues, Maria Fiorato, Patrícia Contini, Rogério Silva, Vera Gislon e Vicente Ávalos

Fotolitos e impressão: Gráfica Ideal. **Tiragem:** 2 mil exemplares

Guatã
cultura em movimento

Visite-nos:
www.guata.com.br

twitter:
[guata_cultura](https://twitter.com/guata_cultura)

facebook:
guata cultura em movimento

Contate-nos:
guata@guata.com.br

Interpretamos isso como o fruto das situações criadas pela própria natureza de nosso trabalho, que é a de dessacralizar a arte e o direito à expressão, tirando-os dos conceitos e oferecendo ao convívio e experiência popular.

Afinal, a existência da revista Escrita só tem sentido com este propósito. Sua circulação massiva em escolas de ensino médio e universidades da região das Três Fronteiras, começa a garantir a idéia de que identificar as várias formas artísticas é parte do processo de construção da cidadania. Expressar-se pelos mesmos caminhos, então, mais ainda.

 Silvio Campana

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

 **CULTURA VIVA**
PONTO DE CULTURA
PULSANDO O BRASIL



escrita 05

Não sou da companhia

E ventualmente, acordo de mau humor. Não, não é raiva, mágoa ou irritação. É mau humor mesmo. O mau humor é um estado de espírito. É sensação, não sentimento. O mau humor não é direcionado como a raiva, choroso como a mágoa, reativo como a irritação. O mau humor é. Simplesmente.

Em geral, ataca ao abrir dos olhos. “Por quê?”, é o pensamento que me vem à mente. Por que já é dia? Por que agora? Por que sempre comigo? Por que eu? Desse momento em diante, toda uma forma de pensar distorcida se instala e não há mais volta.

Meu mau humor tem humor, não se enganam. Os mais próximos dizem que nesses dias fico até engraçada. Faço piadas de mau gosto com o mundo, sou politicamente incorreta. Mas nem tudo são flores.

A interação é o mais difícil. Os chatos se proliferam. Tomam corpo e alma dos entes queridos. Todos no mais irritante bom-humor matinal. Sorrisos de

propaganda de Corn Flakes. Não leva muito tempo para perceberem que não faço parte da companhia. Logo têm início o interrogatório e as acusações.

- Tudo bem? Algum problema? (com voz doce)

- Problema nenhum. Tudo bem. Tudo ótimo. Por quê? Parece que tenho algum problema? Te fiz alguma coisa? Estou aqui quieta, só. Não posso?

Não consigo evitar ser abominável. Quando o mau humor se instala, vem um gosto de fel das entranhas. Um nó na garganta. Um nó na cabeça. A vontade de estar só. Por que querem que eu participe? Que eu esteja de bom humor? Não, não posso. Não consigo. Também não quero. Ouviram? Nem quero. Quero curtir meu mau humor ácido e corrosivo.

O bom humor adora companhia e não se vê satisfeito até que todos participem. Finalmente, após alguma insistência e uma série de indelicadezas, meu mau humor acaba por afastar qualquer sinal de vida.

Finalmente estou só. Mas não basta. O mau-humor é a vontade de nem ser. Ao menos por um minuto. A companhia de si mesmo é suficientemente irritante. E os prognósticos são terríveis. Não há como se libertar dessa última e insistente chata.

E que chata. Para quem nada está bom. Que aporrinha os outros, é paranóica, petulante, desagradável. Como sou desagradável! Decido que os outros pensam o mesmo. Vou conferir.

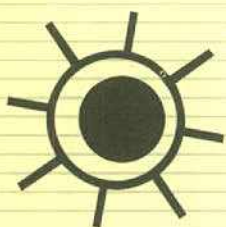
- Sou uma chata, não sou? Estou te chateando com meu mau humor, não estou?

Ah, a negativa irritante. Mentirosos, todos. Achem que sou idiota? Que não sei que sou uma chata? Pior! Como não se irritam? Sou tão insignificante que tamanho mau humor e irritação não causam qualquer incômodo?

Determinada a provar que sou a chata mais chata do mau-humor mais mau-humorado, busco uma vítima. Não só o bom humor gosta de companhia. Como dizem os ingleses, “misery loves company”. ☀



Izabel Campana é advogada em Brasília, DF.

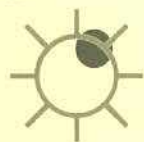


olhos



| sinergia en la selva de yyryapu

Fotografia de Claudio Salvador, “bicho do mato”,
jornalista e militante das causas indígenas em Puerto Iguazu, Argentina.



exercício II

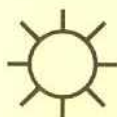
Acrílico sobre tela
de **Patrícia Contini**,
educadora em Londrina, Pr.



■ Simples Assim.

não perca tempo,
Ame,
Se só Estiver,
Chame,
Bagunçaram tudo,
Reclame,
Se perdão não bastar,
Clame,
Não entendeu,
Atenção,
Sangue a correr,
Pulsação,
Quer sentir,
Coração,
Para respirar,
Pulmão,
Pra não acabar,
Cuidar,
Evitar padecer,
Pensar,
Uma satisfação,
Trabalhar,
Fugir da dor,
Amar,
Ao vê-lo triste,
Divertir,
Com o próximo,
Dividir,
Fazer piada,
Sorrir,
A liberdade pede,
Sair,
Sem entristecer,
Sim,
Nome coreano,
Kim,
Doce lembrança,
Quindim,
Para terminar,
Fim.

■ Eita Família.



Integrante do Coletivo Cultural Marginaliaria
e autor do blog <http://barracodasideias.blogspot.com>

Eita família cheia de borogodó,
Lá ninguém fica só,
Coisa linda é pouco,
Não querer participar, só louco,
Tem a Maria das dores,
Que por sinal perdeu amores,
Mas com muitos pretendentes,
Quase sempre recebe flores,
Ritinha podia ser minha,
Pequena formosa uma princesinha,
Sem vaidade notável uma menininha,
Chega dar medo tocar sua mãozinha,
A Eva, a mais velha e brava,
Num sonho me acabava,
Ô mulher bonita com ela eu casava,
uma olhada só, a mente já grava,
Um cara estranho o Bento,
É novo e bem ciumento,
Quando o vejo já vou me escondendo,
É cantor dizem que tem talento,
A matriarca, cheia de esperança,
Pra ela são todas eternas crianças,
Se um ficar triste, todo mundo dança,
Depois do inverno vem a bonança,
O chefe não é Senhor e sim Seu,
Ali se vive no eterno apogeu,
Eita família coisa linda de Deus,
Pra ser perfeita só falta eu.

HENRIQUE COSTA,
poeta e músico paulista.



olhos.



| por um fio

Fotografia digital (original colorida), de Áurea Cunha,
fotojornalista em Foz do Iguaçu, Pr.

10 *escrita*

olhos



achado

**se, por um acaso,
você passar pelas sete portas
verá meu coração por lá
entre as maçãs acetinadas da feira,
na calçada
ou mesmo numa condução vazia
indo ou voltando do campo grande
cuide-o com carinho
pegue de volta, se puder;
há tempos já não mando nele
que, desenfreado,
pulsa fora de mim**

Deixar alguém muito querido é, às vezes, renascer. É ser passarinho novo, ainda sem penas no ninho. De olhos fechados, há que aprender a respirar, a viver por si só nesse mundo gigantesco. Fênix, há que renascer das cinzas — que não menos são do que farpas de nós, raspas que morrem no decorrer do caminho torto que escancara a clareza cada vez mais lúcida da falta. Sim, ausência é água encharcando as penas da ave que, pesada, tomba. E tomba mesmo muitas vezes, incontáveis delas. O processo é lento e dolorido: não é fácil compreender a solidão. Mas, de repente — milagre — se voa. E lá do alto, o mundo é colorido vivo. O pássaro já tem penas reluzentes, bico hábil e discernimento para enfrentar a ventania dos novos tempos.

rodrigues

Meus medos são só três: de que me falte liberdade; de que, numa pedra, eu veja apenas uma pedra; e de que, na próxima vida, quando eu abra os olhos e enxergue a atormentadora luz do mundo, não seja salva pela poesia.

✱ **Ludmila Rodrigues** é escritora em Salvador, BA.

escrita 11

Cio dos Gatos

Um dia perdeu a identidade. Não essa que se reivindica na burocracia do governo; foto, assinatura, nome do pai, nome da mãe, data de nascimento, carimbo e pronto. O que desapareceu foi aquela marca pessoal. Deixou de ser dele o tempero da vida, a forma mais apurada de ter cheiro, a ginga no andar, a vontade explícita nos sonhos. Aliás, os sonhos, esses, sumiram.

Um dia, quando madrugada, só havia a paixão. O quarto ainda em penumbra ecoou o grito abafado pelo barulho dos carros na Pará.

- Seis horas, Eunice.

As coxas da mulher escaparam do lençol. O mau-humor, também, num silêncio que o travesseiro filtrou. Nos olhos dele, a simulação de tempo deixou de existir, dando lugar à mistura da beleza daquela pele e de uma saudade. Lembranças de sempre, que naqueles dias de outono, mais e mais, eram gotas de solidão.

- Eunice, olha a hora...

Depois tomou o ônibus. Silencioso, o corpo contando cada degrau. A vontade manca de ziguezaguear pelas ruas. As janelas e o movimento da cidade perturbando a vida

em sua cara. As rodas na Pará, na Humaitá, comendo o asfalto. Belo Horizonte, pequeno trecho em declive, paralelepípedos, Goiás, cruzamento com Benjamin Constant. Eunice ao lado, falando um linguajar comum e ininteligível. Mais um cruzamento, o da Brasil com Floriano.

- O próximo é o nosso, avisou com os olhos entre o corrimão e o vidro da janela. A boca ácida sem mais nada pra falar.

No início não era assim, volta e meia conversavam. Horas e horas a rodear o mundo e suas notícias, sustentando um ar trágico para o que não era fatal, adquirindo prazer em martirizar aquilo que não era verdade, numa pura sedução. E, enquanto as curvas eram cada vez mais roliças no corpo dela, os miados faziam o mesmo na boca dos gatos. Aqueles animais. Por certo estavam loucos! Emporcalhavam os beirais com seu cio e sua merda, gastando as vidas que só a eles pertenciam. Povoavam sua pelica macia e sensual casa adentro, num desafio com o comportamento felino de ironia e decisão. Uma perfídia!

Viviam assim, o vaivém entre as pernas. As penugens do ventre se revezando num arrepio de emoção. As gargantas tragadas por

soluções que as paredes emoldurariam para sempre. Felizes, arriscavam uma repetição insaciável dos contos mais apaixonados, que nem os livros podem guardar. Um afogar do tempo naqueles seios empinados a mostrar garras que se afiavam nas cobertas e nas linhas das costas, deglutindo o prazer.

Iam assim. O silêncio saía arfado por entre os bigodes, dele e dos gatos, quando esmeravam na feitura das figuras que a iluminação da rua carimbava pontualmente à noite, perfazendo um ritual.

Depois a briga. Fazendo fissuras que não cicatrizariam. Um medo da morte. As costelas rasgando o peito anunciavam alguma coisa bizarra; um dragão, um câncer, um sei lá o quê por perdê-la. Então o andar patético pelos cômodos da casa, tropeçando na vida inútil dos felinos. Animais que como relógios, marcavam estrábico o fetiche daqueles destinos. Então a pedra falsa no coração, delineando as formas e as cores daqueles componentes de um jogo que, aparentemente, não se definiam na cabeça do casal. No rosto, sempre a tentativa de sustentar a felicidade. Uma forma de poesia, uma retórica emplastada pelo desespero da rotina.

- O que tenho nos olhos é a tua vida!

As palavras se juntando como um time de futebol a tentar outra tática mais direta. Na verdade, a vida embaçava entre algumas linhas de emoção. E, como outros inventos, degradava-se pela pia ao se escovar o dente, numa paisagem que acabava por eriçar ainda mais a pele dos felinos.

Enquanto o correr do tempo doía meticulosamente nas feridas, na mulher inchava e padecia um segredo arrematador, que só aquela inocência perdida aos vinte poderia guardar. Era o ciúme dos carros no centro da cidade. Era uma viagem na excitação de ter as pernas subindo pelos umbrais dos prédios, convivendo com a sensualidade e a loucura dos outros animais secretos que povoavam sonhos na casa. Quase estupro, quase perfeição de um coito. E a pedra do coração transformada em dentes que lhe roíam as pálpebras e afagava o sexo e a vontade de tudo.

Eram eles. Eunice e Joel. O embalo do cuco na parede, um fôlego emprestado para os ponteiros, ingenuamente paralisados pelo rastejar de uma falsa e por isso eterna juventude. Como a atualizar os parentescos dos humanos, com o perfilar de um sem número de aventuras e entes fantásticos que ajudavam a limpar a sujeira espalhada

impiedosamente pelos felinos na sala de estar. Raridades que se misturaram para sempre com a música da vitrola em um desafinado concerto.

O ônibus parou. Eunice desceu primeiro. Na cabeça de Joel o pensamento de resolver tudo aquilo.

- Hoje, se acontecer de novo, não invento histórias! Vou contar verdades, ocre como um fundo de muro na alameda movimentada. Se eram inconsistentes antes, agora são imprescindíveis...

Eunice não entendeu. Pensou de maneira prática no marido. Mania de querer falar baixo para que os outros não escutassem. Sempre as palavras fugidias e soando como chiado.

- Joel, vai levar o jornal?

Os olhos amendoados pelo reflexo da calçada lia a manchete principal.

- ... Vou reconstituir temas. Impor limites à velocidade dos carros, oferecer personagens e martírios para todas as façanhas...

As pernas recostadas na banquinha de jornal pareciam dois andaimes que se erguiam

para os prédios ao seu redor.

- Joel!

Eunice parou mansa na segunda palavra entre os dentes. Imaginando, quem sabe, seus gatos nas marquises dos prédios do centro e a inutilidade de uma comunicação com tal ser.

- ... Felicidade e choro sempre se completam. São conhecidos antigos e não acontecem sem que a minha peça em cartaz defenda o seu usufruto!, ele gritou.

Falou assim, enquanto pagava o jornal. Na capa, a foto de Julio Iglesias voltando para um show no Brasil. A mulher trocou pés em direção às vitrines, colorida com os olhos na moda em liquidação.

- Enfim, Eunice, a melancolia de antigamente, troquei por algo mais vivo que é a saudade!

A boca desenhou as últimas palavras sem que ela ouvisse, lá na frente, depois do quiosque de bombons. Daí, com a mão direita ele segurou o jornal, com a outra esfregou a umidade dos olhos e a seguiu. Calmamente, passo a passo. ☼





Niños que utilizan la palabra
contribuir en vez de ayudar.

Niños que no tienen miedo de
andar por la oscuridad.

Niños que aprenden desde la
cuna a compartir, que saben
socializar los juegos y los
juguetes.

Niños que van a construir otra
realidad. Niños militantes,
solidarios y organizados.

Niños que no piden más de lo que
sus padres les pueden dar.

Niños que ofician de hermanos y
tutores. Los niños más grandes
son la referencia para los más
chicos.

Padres y madres que les van a
contar la verdad, como funciona la
sociedad, cuál es la lucha, cuál es
el camino.

Padres y madres que luchan por
lo que les pertenece, gente que
no espera que las cosas
simplemente lleguen.

Padres y madres que desarmen
sus carpas, juntan sus ollas, sus
hijos, sus mascotas y se
reivindican. Gente que se va a
dormir reprimida por un sistema
injusto, que los califica de
"vagabundos de periferia". Un
sistema que cree que estos
"utópicos" jamás alcanzarán la
cientificidad.

Un sistema que se equivoca.

Esos niños y niñas que hoy nacen
bajo la lona negra, los que hoy
son agredidos por la policía, los
que hoy el Estado no les
garantiza sus derechos básicos,
esos niños son la esperanza de
otra forma de relacionarse, otra
forma de percibir el mundo, otra
forma de ver al otro.

Esos niños y niñas van a construir
otra sociedad, porque nacen entre
banderas libertarias, banderas
que reivindican la lucha de Martí,
del Che y Zumbi.

Banderas que flamean implorando
por un mundo donde quepamos
todos y todas, donde todos
tengamos voz.

Banderas por la democratización
de la tierra, de la educación, de
los medios de comunicación, de la
salud.

Banderas que flamean implorando
la democratización de la vida.

Por un lugar donde cada uno
tenga la opción y pueda elegir
dónde y cómo vivir.

Basta de represión.

Basta de madres, padres, niños y
niñas viviendo al borde de las
rutas.

Basta de indiferencia, injusticia y
desigualdad.

Por otro mundo, por otra
sociedad, por otra distribución de
la tierra.

Que viva la resistencia!

Que viva el MST!



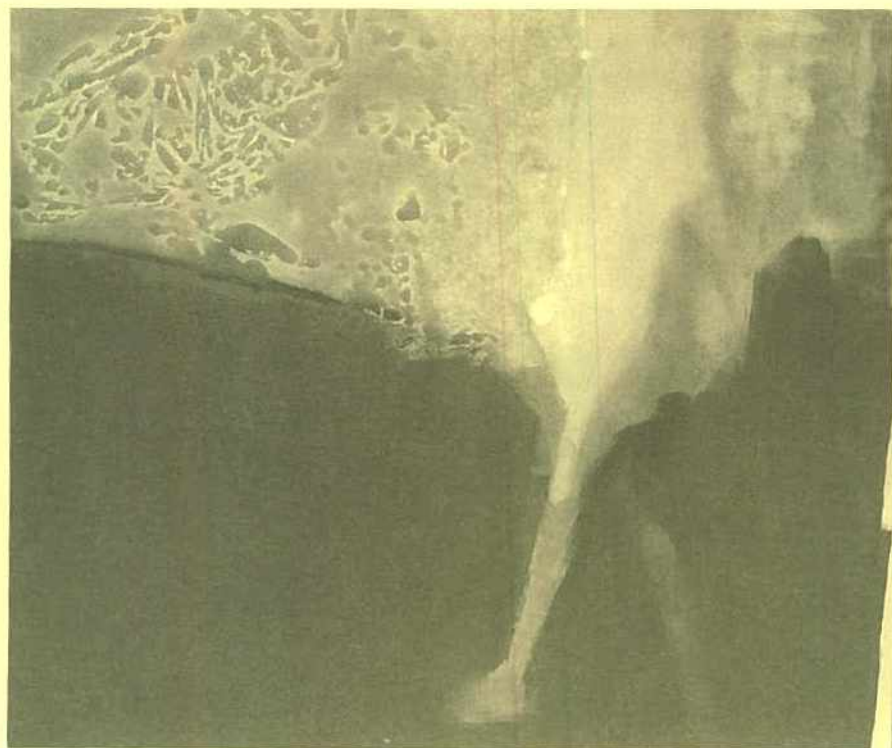
Angela Garofali, uruguiaia,
é estudante de Relações Internacionais
na Unila, em Foz do Iguaçu, Pr.



fronteira zero

Andressa Back é historiadora em Foz do Iguaçu, Pr.

espectros



redisthecolor, sem título e awake. Acrílicos sobre tela. Reprodução a partir de fotos d

rogério

Artista visual e cantor e



originalmente coloridas.

o silva

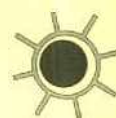
Foz do Iguaçu, Pr.





televisão

Ilustração de Alexandre Bogler,
estudante do ensino médio em Foz do Iguaçu, Pr.



Conhecimento construído mesmo depois da TV desligada

Como a relação com meios de comunicação fortemente presente na vida das pessoas, em especial na de crianças e na adolescentes, pode gerar construção de conhecimento e reconhecimento de identidades?

Os meios de comunicação são companhias frequentes na vida da população brasileira. É alto o número de horas diárias assistindo à TV ou no uso da internet: em média as crianças assistem diariamente 4h54 minutos e adultos cerca de 5h08 e a expansão da internet é galopante – de 315 sites em 1982 para 174 milhões em 2008 (Fonte IBOPE 2008). Se a escola e a família já não são, há tempos, os únicos espaços culturais de aprendizado para, em particular, as crianças e adolescentes, como construir estratégias para que a interação (ativa ou não) com os meios de comunicação gere construção de conhecimento e crítica às escolhas feitas pela mídia?

Para além da necessidade de regulação dos meios de comunicação pelo governo brasileiro, é importante assumir, do lado de cá da tela, um papel ativo de ressignificação da produção da mídia. Como primeiro passo, é necessário problematizar a ideia, muitas vezes presentes no senso comum, de que a mídia atua em oposição à educação. Essa sensação é reforçada pela grande

quantidade de programas de TV voltados ao entretenimento e sem função educativa. É importante considerar que crianças e adolescentes, embora em condição peculiar de desenvolvimento, possuem uma relação mais ativa e autônoma com os meios do que se pode imaginar. A necessidade de interagir e o acesso mais facilitado pelas novas tecnologias à produção de comunicação – imagens e vídeos pelo celular, redes sociais – delineia um público que, ainda que timidamente, deseja uma diversidade de vozes e o fim da ideia e discurso únicos pela mídia.

É importante que a escola, família, as organizações e demais atores sociais promovam espaços de reflexão sobre os conteúdos abordados pelos meios de comunicação, problematizem localizando-os na realidade concreta que os indivíduos estão inseridos e estimulem a análise das motivações das escolhas pela mídia: por que abordam estes conteúdos, com que intencionalidade, quem é beneficiado e quem é prejudicado com tal escolha de abordagem?

Agora, como indivíduos que desejam assumir a própria vida e transformá-la, é importante não ficar restrito a análise de mídia para a construção da crítica e do conhecimento – aquela ideia de levar o jornal e o vídeo para o ambiente escolar. Temos uma relação afetiva com os meios de comunicação, nosso olhar não se descola das memórias desta relação já de longa data. Assim, a construção de conhecimento e reconhecimento de identidade passam necessariamente pela produção de comunicação pela população. A produção de comunicação não é algo complexo e não deve ficar restrita aos meios de comunicação de massa. As tecnologias estão aí assim como os grupos sociais com urgência de serem ouvidos.

Todos temos histórias para contar. É outra forma de conexão com a realidade por meio uma efetiva comunicação, um novo sujeito social. Em que a fala e escuta, de nós e do outro, diz sobre quem somos, como vivemos e como transformamos nossa realidade. ☀



Lizely Borges é jornalista em Curitiba, Pr.

Pegue e pague lusitano

Era uma casa. As paredes arredias escutando segredos. As paredes brancas, calfinadas, escutando segredos. Uma rua com movimento, as contas do banco de penhores, bem à frente. As contas no banco colorindo; umas pintando em vermelho, outras discutindo a valorização do dinheiro às pencas.

Os carros na rua, um de cada cor, um de cada marca. Distribuindo-se em frente ao semáforo, aceleração contínua, vencendo o aclave da esquina. Os paralelepípedos do calçamento saltando conforme os anos de uso. A rua estreitando a cada ano de uso, desproporcional a tanto movimento. Na calçada, as árvores vão quebrando o cimento. Tão duro e tão frágil, marca indissolúvel do circuito da vida.

As janelas do prédio acanhado, avançando para a rua. As meninas do prédio. As janleas ocupadas. Os braços descambando para a rua estacionada no esqueleto da cidade que envelhece.

O tempo correndo feito louco para alcançar um final ainda feliz. O tempo dos loucos correndo perante a insatisfação do final. Alegre e o rotineiro ato de ficar à janela espreitando os carros de todas as

cores, de todas as marcas passarem, domingo, rumo à churrascaria, lá, na quadra de cima.

Fátima é feliz.

Fatinha, para os familiares. A portuguesinha da loja da subida da rua. Incrustada entre as prateleiras da mercearia; uma portuguesa mania de vender de tudo. Mania que enriquece o cotidiano da subida e enfraquece os corações de quem compra linha de pesca, ou anzol de pesca, ou vara de pesca. Ou outro produto que não seja para pescaria. Se, serve, pagamento no caixa. À vista. E pode ser arame, parafuso, tela de galinheiro. Máquina de moer carne. Passa no caixa. Enfraquece, palpita, normaliza o coração.

Fátima é assim. Afinal, uma lusitana história de recolhimento perante o mundo.

Os casamentos por correspondência. Os noivos selados com qualquer carimbo desse país. Ou em qualquer correio desse Portugal. Origem paterna, destino viável? Os noivos desse porto ainda virgem na janela, quando serão?

À espreita de uma senha, de um sinal, os olhos de santa se jogam perante as cordas e os rolos de fumo na mercearia

fedorenta. É carne nova esperando o casamento. Todos os dias, todas as tardes. E as tardes, geralmente mais joviais. Ah, fazem bem ao corpo. E isso faz bem à esperança. Todos os dias, todas as tardes. Nessa indecência de esperar o semáforo abrir e os carros passarem apressados. Alinhados por marcas, por cores. Por um e outro olhar furtivo, sem que os outros saibam.

- Quanto custa o litro de soda?

Fátima é um olhar e um sorriso...

- Quanto custa o metro de chita?

Outro olhar e o sorriso de sempre...

- A gaiola pra papagaio ta vendida?

Olhos e boca. Tímidos e sorridentes.

O velho, bem disposto, com seu chapéu de palha. O moço de nariz mal traçado com seu sotaque paulista. A velha e um dinheiro rasgado, enrolado nos dedos como se o barão pudesse fugir do papel.

- Olha o balcão cheio de gente, menina!

- E esse caixa errado agora?

- Olha o trânsito antes de cruzar a rua, menina!

O velho do chapéu vai embora. O moço, embrulho no braço, coração no peito, vai embora. O moço, paulista ou mineiro?

- Raios que os parta, olha o balcão...

O banco da frente enche de filas. As pessoas fazem contas. Dedilham as notas e organizam a soma na cabeça. As janelas do andar de cima, enchem de irmãs. Contam os carros, apontam as cores. Somam o tempo nas luzes do semáforo. Todos os dias, todas as tardes.

Depois, a Lua. A rua, morta, rima com ela. A mercearia fechada, a mão na caneta e os olhos no correio. A carta despacha encantos para alguém que vai ler seu carinho.

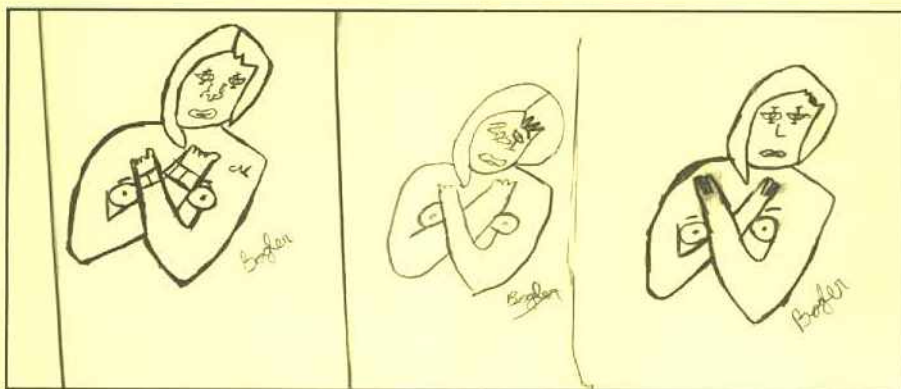
- Há de lê-la, sim!

O sorriso, que é o de sempre.

- Fátima, o seu pai já desceu.

Leu num livro do Fernando Pessoa: "imita o Olimpo no teu coração..." Foi a mãe quem quis. Vai à missa, foi ela mesmo quem quis. Único divertimento, Único prazer. O padre bolina palavras entre o silêncio cúmplice dos devotos. Na missa da tarde, alguém noivo. Alguém casado. E nela, as rugas, safadas, em construção.

O semáforo fecha bem na hora do carro amarelo. Desfolha a margarida. Bem-me-quer, mal-me-quer. Mal-me-quer. Recolhe a vida. Recolhe a infância do amor. Guarda o ressentimento. Outra vez o correio, outra vez a caneta, uma esperança.



Os prédios amanhecem num cerco à birosca. A placa atrapalha a calçada e ensina que há homens trabalhando. A ducha de água fria e o barulho da porta metálica se abrindo, lá embaixo, a loja à espera.

Os andares do prédio em construção atacam o Sol. Depois é a fila do banco que começa a sua construção. E nas janelas, as irmãs. Tudo em seu devido posto.

A tarde vai para a penumbra. A vidraça embaça com tantos narizes irmãos. Em geral, as tardes são assim melancólicas mesmo. Lá embaixo, o rolo de tecido, o preço do arame. O semáforo ligado e um sorriso de sempre.

É a casa, é o prédio; as paredes brancas e arredias, esperando pelos segredos da noite que, ainda faz pouco, nem bem começou. ☀



Vicente Ávalos é aposentado e mora em Mbujapecy, PY

A ilustração é de Alexandre Bogler, estudante iguaçuense ensino médio.



lalan bessoni

**ILUSTRAÇÃO
& DESIGN GRÁFICO**

www.flickr.com/lalanbessoni

lalanbessoni@gmail.com

Áurea Cunha
fotografias



Retratos
Reportagens
Publicidade
Tratamento e edição
de imagens digitais

Tel: (45) 9977.4490

aureacunhafotografias@gmail.com

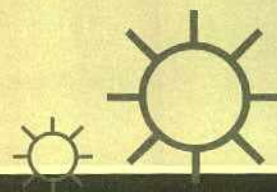


olhos



estudo 2

Ilustração de
Bruna Borba,
cidadã em
Foz do Iguaçu, Pr.



vestígios (poemas para aias)

fragmentos

I

digam que, pelo tempo que é rápido, / tudo pertence ao que está por vir / que o dominador vil e pálido / também pode morrer como o dominado...

(Louise Michel, poeta francesa que viveu cerca de 75 anos, entre 1830 e 1905).

havia muito pó / em tudo o que se tocasse / mas o pó nem sempre / é sinônimo de desleixo / as vezes é apenas indício / de que faz tempo / que a memória / anda preguiçosa... // mas nem sempre / preguiça é sinônimo / de desleixo / as vezes é apenas / uma forma de se dizer / que o tempo pode / passar lento / ou mesmo não passar... // havia pó até no poema / aquele antigo / aquele de sempre / aquele escrito para sempre / e sempre / por ser sempre / por mais pó que tenha / sempre será... // mas pó / por ser pó / um simples sopro / faz com que deixe / o que está cobrindo / e o sopro da memória / mostra o poema nu / sem ter como defender-se / então apenas mostra-se... // sem pó o poema revive / abre suas velas / sai do porto / navega em sonhos / voa nos mares / atravessa tempestades / cria calmarias / e volta a atracar... // sem o pó / o poema e o velho / retomam a antiga cumplicidade / voltam a ser / companheiros de viagem / deixando o leme ao norte / ao sopro dos ventos / ao sopro das paixões...

II

a hora da partida soa quando / escurece o jardim e o vento passa, / estala o chão e as / portas batem, quando / a noite cada nó em si deslaça...

(Sofia Breyner, poeta portuguesa que viveu cerca de 85 anos, entre 1919 e 2004)

naquela tarde não havia nenhum vento / A imobilidade das folhas / era quase uma fotografia, / congelada / inerte... / dizer que o tempo se arrastava / seria contraditório / pois mesmo o arrasto / traz algum movimento / e a impressão que se tinha / era que não existia o tempo / ou, se existisse / não estava ali / brincava em outro canto qualquer... // nem a imaginação / que sempre está em movimento / mesmo quando estamos inertes / dava sinal de vida // ... virei pedra! temeu... // para as pedras / que são eternas / o mundo deveria ter esta configuração... / pensou... // a ausência era tão grande / que se poderia tocar um grão de pó / flutuante e iluminado pela luz / como se fosse uma galáxia inteira / mas o toque já seria um movimento / e naquele momento inexistente / estava propenso / a não se voltar ao macro das galáxias / e sim ao micro da folha / parada / calma / concentrada em seu verde fotossintético... // e depois de uma fração de segundo / onde nada existiu / uma tropa de moleques e moléculas / passou voando de frente aos seus olhos / numa gritaria ensurdecedora / e ele pôde identificar sua menina / em meio a tantos iguais / e um alívio percorreu sua espinha / não era pedra afinal / no mínimo o reino vegetal lhe abria as portas / pois viver é gerar / seja o que for... / mesmo o mínimo movimento // e o tempo voltou a andar... / e já era tarde... / e já estava atrasado...

Eu estive no Atacama

O Atacama é o deserto mais árido do mundo. Fica no norte do Chile e, por causa da sua altitude, as nuvens úmidas nunca chegam ao seu território. O Atacama tem temperaturas incríveis: 0 grau de noite, 40 de dia. E atrai todo tipo de pessoas: fotógrafos, astrônomos, cientistas, jornalistas, motociclistas, aventureiros. Eles se cruzam numa cidade a 2.400 metros de altitude: São Pedro do Atacama, um oásis que tem vinho e hospedagem.

Estou falando do Atacama porque estive lá, a 2.400 metros de altura.

Mas meu deserto era uma paisagem interior para onde migramos quando a nossa vida pede recolhimento, uma conversa interna que não pode ser substituída por diálogos nem mesmo com o melhor amigo. É possível que nosso

monólogo não nos leve a lugar algum e que voltemos à vida apenas como nômades, de passagem. Voltamos ao Atacama porque muitas vezes nos sentimos no deserto onde, por incrível que pareça, descobrimos beleza na paisagem árida. Foi assim que descobri o Valle de la Luna, um cenário perdido em minha alma, um cartão-postal de areias alaranjadas e uma grande lua, como as lembranças que espanamos e delas saltam situações inverossímeis. Resolvi falar sobre isso, embora seja difícil contar o que se passa.

- Nos sentimos no Atacama quando falamos e ninguém escuta.

- Nos sentimos no Atacama quando o nosso melhor amigo parece outra pessoa.

- Nos sentimos no Atacama quando a noite é uma confluência de estrelas frias.

- Nos sentimos no Atacama quando mergulhamos e não trazemos nenhum peixe no bico.

- Nos sentimos no Atacama quando não há alimento e o ar é pesado e rarefeito.

- Nos sentimos no Atacama quando sufocamos devido à nossa própria altitude.

- Nos sentimos no Atacama quando o sonho não cabe na realidade.

- Nos sentimos no Atacama quando somos surpreendidos pela mudança do vento que carrega para longe nossas mais íntimas verdades.

uma crônica de célia musilli

- Nos sentimos no Atacama quando não chove sobre nossos planos.

- Nos sentimos no Atacama quando as ternuras se desmancham.

- Nos sentimos no Atacama quando o silêncio é antigo e a palavra fica suspensa por tempo indeterminado.

- Nos sentimos no Atacama quando não há sinais de satélite e a comunicação não atravessa as barreiras.

- Nos sentimos no Atacama quando a poesia é decantada como um licor que não se toma.

Só voltamos do Atacama quando a gente se embriaga da esperança e arruma as mochilas para viajar para o Sul. É lá, na confluência da civilização com a primitividade, que nos descobrimos herdeiros da extrema angústia que plana sobre a beleza solitária do Valle de la Luna. Porque a solidão pode ser assim, uma paisagem surpreendente.

Então, a vida supera a aridez e nos faz descer das montanhas, como um lagarto queimado pelo sol. Eu não fui ao Atacama, mas cruzei a terra árida e hoje volto nômade de mim. Preciso refazer as rotas com mais força e menos delicadeza. Renda-de-bilro espetada na flor do mandacaru. *



Célia Musilli é jornalista em Jaú, SP.

O texto foi publicado originalmente no livro "Todas as Mulheres em Mim"
- Atrito Art e Kan Editora, 2010.

Keu
Salão de Beleza

Corte - Escova - tintura
Hidratação - Esteticista
Massagista - Pedicure - Manicure

Tel: 3575.4418

Rua Guaraqueçaba, 2027, sala 2
Jd. Belvedere II - Foz do Iguaçu, Pr.

BUENOS
Falls Park

Mudas frutíferas
e ornamentais

Fones: (45) 3573.1044
e 9124.6802

Rua Itapemirim, 101
Beverly Falls Park
Foz do Iguaçu - Pr.

 **Sigilu's**
Contabilidade e Assessoria Ltda.

Fone: (45) 3523.5886

e-mail: sigilus@foznet.com.br
Rua Rui Barbosa, 361, Centro
Foz do Iguaçu, Paraná

Mariza Rios
Instituto de Beleza

*Tratamento facial
e corporal*

Marque sua hora:
Fone: (45) 3572.6910
Cel: (45) 9967.0295
e 8422.5300

olhos & palavras



A política

A minha expressão política,
É a expressão do desespero!

Das cinzas do tempo
A cidade se desfaz,
Se faz do caos!

A cidade não compõe,
Nem mesmo músicas bêbadas.

A cidade se esconde,
Atrás dos olhos do menino.

A cidade se refaz,
Da lama e do vento!

Pelos cantos,
A cidade entoa cantos.

Pelos cantos e frestas
se esconde a dor.

A cidade fere!
E desperta.

Em prantos enterra a dor,
E pede os panos,
Das caixas multicoloridas.

Cláudia Tomaszewski

o mundo é uma estrada
sem porteira
e, às vezes,
a poeira
é maior do que
o trilho deixado nela
pela caravana

em dia de azul e sol
carro dispensa farol
em dia de chuaréu
passo anil no céu
na noite de lua
nao saio da rua
na noite de breu
anoto o que aconteceu

Vicente Ávalos



Cláudia Tomaszewski é historiadora em Porto Alegre, RS.

Vicente Ávalos é aposentado, vive em Mbujapecy, PY.

A escultura em papel é uma produção coletiva feita durante seminário sobre educação para adultos, Os autores: **João Pedro Nunes**, agricultor e educando de Lindoeste, Pr., **João Hilário de Medeiros**, agricultor e educando de Capitão Leonidas Marques, Pr. e **Vera Gislon** - educadora de Cidade Gaucha, Pr.

Impressão colorida laser
Encadernação
Plastificação
Laminação
Crachá
Cópia


Til
Reprografia

til@tilreprografia.com.br
3572 8703 | Av. Paraná 960
www.tilreprografia.com.br



FOZ DO IGUAÇU
Rua Quintino Bocaiúva, 653
Telefone: (45) 3572.5272

Rua Xavier da Silva, 649
Telefone: (45) 3523.9101

JOINVILLE - SC
Rua XV de Novembro, 640
Telefone: (47) 3433.4650

BLUMENAU - SC
Rua XV de Novembro, 1422
Telefone: (47) 3336.0975

Poeta

Não é quem sente mais que outros
É quem diz aos outros do que sente
É o que sente nele os outros
E traduz o que outros sentem nele
Mendigo de palavras.

EPIDEMIA DE

Reforma Hilária

A cada vez que você vem
Devasta esse meu ventre
Com sua aluna
Derruba esse meu medo
Com sua calma
Refresca meu umbigo
No seu horto
Enredo-se em meu corpo
Lê-me o salmo.
Renego todo heroísmo
No meio desta batalha
Canto um hino.

E você adota a tática
Dos Sem-Terra
Rompe a cerca
Que em vão eu ponho
Me invade
Tomando posse
Do meu ser que arde
E que improdutivo
Merece a perda
Da propriedade.

No entanto
Que semente você planta
Neste chão que brota?
Assim como veio
Esvai do meu solo dono
Imprescindível
Militante...
Se apropria
Por um momento
E se sacia no movimento...
Amo todo o tempo
Só seu corpo se fecha
Com arame farpado

alai diniz

kariny wermouth

POESIA

Enquanto o combustível queima,
O rio seca,

E a árvore morre,

Esperamos o sonho.

Aquele que é vendido,

Que é comprado,

Assistido,

E publicado.

E o sonho ?

Ah... continua sendo vendido,

Mas o verdadeiro sonho inexperto,

Continua buscando a melhor
maneira de ser descoberto.

Ah...palavras!

Terríveis, loucas

Apreensivas, soltas

Boas, ruins

Fortes, sem fim

Brilhantes, opacas

Duras, exatas, insensatas

Molestas, perversas, concretas...

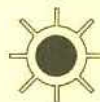
Todas manifestas

Em ordens desconexas,

Em sequências complexas,

Fazendo de tudo assim,

Uma descoberta sem fim...



ALAI DINIZ, professora universitária,
e KARINY WERMOUTH, estudante do ensino médio,
vivem em Foz do Iguaçu, Pr.

ANDRÉIA ALVES, educadora em Perobal, Pr., é a autora de "Pilão",
fotografia sobre a qual foram editados os poemas.

8 ANOS H2FOZ



O portal
das
Cataratas

WWW.H2FOZ.COM.BR

VENHA PARA O

Chapa

Restaurante,
Churrascaria,
Pizzaria
& Serviço a la carte

TELEFONE

(45) 3027.5906

R. Bartolomeu de Gusmão, 1014
Centro - Foz do Iguaçu, Pr.
restaurantechapa@hotmail.com

Alfabetização de jovens e adultos: uma experiência radical em educação

Jovens, adultos e idosos não alfabetizados são necessariamente vítimas de processos de exclusão. Inseridos numa determinada realidade social, são desempregados, sub-empregados, sem teto, sem terra, moradores de periferias, do campo ou das cidades. Foram produzidos aos milhões durante os anos de nossa história de tantas exclusões.

Formas consequentes de pensar a educação desses sujeitos começaram a surgir nos anos 50, no contexto da grande discussão que se deu acerca de um projeto político para o país, envolvendo amplos setores da população. Algumas experiências marcantes surgidas nessa época deram o tom do que ficou conhecido como Educação Popular, uma pedagogia radical, desenvolvida fora do espaço da escola formal, que buscava um sentido para a educação para além da apreensão de conteúdos curriculares, apontando a perspectiva de libertação e emancipação humanas.

O educador Paulo Freire, que participou ativamente dessas experiências, desenvolveu uma pedagogia voltada para a alfabetização onde aprender a ler e escrever aponta para o conceito de **leitura de mundo**: uma experiência de educar que olha primeiro o sujeito e seu mundo, ajuda-o a

identificar sua condição de analfabeto como consequência de um processo de exclusão de direitos e não de limites pessoais, promove o reconhecimento de suas práticas culturais ajudando-o a perceber-se como sujeito de outros saberes, de cultura. Educação como formação humana, não reduzida a conteúdos, carga horária, exames.

Dentro dessa visão, o aprendizado mecânico da escrita pelos tradicionais métodos de memorização não faz sentido porque não altera a condição existencial dos sujeitos. Os conteúdos em torno dos quais se exercita a escrita e a leitura – chamados por Freire de **temas geradores**, são os temas existenciais expressos por qualquer linguagem, problematizados e ampliados pelo diálogo com outros saberes, sempre apontando para a necessidade de conscientização e transformação da vida.

Com o golpe militar de 64, essas experiências sofreram um duro golpe, com boa parte de seus idealizadores presos e exilados. Mas foi uma experiência fecunda que continuou sua trajetória em vários países por onde esses exilados passaram, sendo que a pedagogia freiriana é conhecida e usada no mundo todo. No Brasil, atualmente essa visão é retomada em muitos locais, por programas de alfabetização como Brasil Alfabetizado e outros programas estaduais. Ironicamente, essas ricas experiências e propostas são pouco conhecidas por aqui no âmbito da escola formal. Mas são um parâmetro importante para repensar a educação nos nossos dias, tão em crise presa nas suas grades curriculares, sem conseguir colocar nenhuma perspectiva para a vida dos educandos. ☀



Maria Fiorato é historiadora e agente cultural em Londrina, Pr.

City Bier

PETISCARIA



Sabor e descontração
no coração da cidade!

Chopp e cervejas
Bebidas destiladas
Vinhos finos
Drinques e sucos naturais
Petiscos e pratos regionais

De Segunda a Sábado, serviço a la carte, a partir das 16 horas
Aos sábados, almoço com cardápio especial em buffet livre.

Reservas pelos fones: ⁴⁵ **3025.3977** e **9954.3969**
Mal. Deodoro, esq. com Quintino Bocaiúva, CENTRO, Foz do Iguaçu, Pr.

A arte na cabeça!

City Hair

CABELEIREIROS

AGENDE-SE:

TEL: 3572.1875 / E-mail: cityhaircabeleireiros@hotmail.com

HORÁRIO DE ATENDIMENTO:
DE TERÇA A SÁBADO, DAS 9 ÀS 19 HORAS.

Quintino Bocaiúva, 1102
Centro - Foz do Iguaçu

CORTE MASCULINO E FEMENINO

HOMBRE HAIR - PENTEADOS - MAQUIAGEM

DIA DA NOIVA - DEPILAÇÃO - PEDICURE - MANICURE

ESCOVA - ESCOVA PROGRESSIVA E DEFINITIVA - HIDRATAÇÃO

CAUTERIZAÇÃO - LUZES - MECHAS PAPELOTE - CALIFORNIANA

CHEGARAM
AS CAMISETAS
POÉTICAS
Da Guatá!



Pedidos pelo e-mail
guata@guata.com.br

Guatá
cultura em movimento

Até a votação
foi uma maravilha:
as Cataratas do Iguaçu
deram um banho.

COMPETENCE

CATARATAS
DO IGUAÇU

Maravilha da
Natureza

As Cataratas do Iguaçu foram eleitas uma das **novas 7 Maravilhas da Natureza**, no concurso que envolveu 440 das mais fantásticas atrações naturais de 200 países e territórios. Uma vitória que representa não só um reconhecimento à beleza dessas águas, mas também um impulso para o turismo da nossa região. Para a Itaipu, é um orgulho fazer parte dessa conquista. **A você que nos apoiou, nosso muito obrigado.**

www.itaipu.gov.br

Integração
que gera energia
e desenvolvimento

ITAIPU
BINACIONAL

